



Paneis sobre a pesca e o marisqueo no porto de Mugardos (Galiza)

© UDC

A poética da Educação Ambiental na literatura de João Guimarães Rosa

The poetics of Environmental Education in the literature of João Guimarães Rosa

Elni Elisa Willms  e Michèle Sato  . Universidade Federal de Mato Grosso-UFMT (Brasil)

Resumo

Inscritas num contexto de investigação literário-ambiental, queremos refletir sobre educação ambiental desde o conto “Entremeio com o vaqueiro Mariano” (1969), do brasileiro João Guimarães Rosa. Nesse conto é possível perceber vários elementos que compõem a vivência em Educação Ambiental, pois a personagem Mariano, um vaqueiro que vive no pantanal, demonstra ter saberes locais e por isso convive e conhece com destreza nesse ambiente peculiar. O Pantanal é um dos biomas brasileiros de áreas úmidas, ultimamente bastante agredido com diversas violências socioambientais. A literatura, vista como itinerário de formação, possibilita várias reflexões e pode contribuir para as pesquisas, vivências e cartografias no âmbito da educação ambiental. Nesse sentido, o vaqueiro Mariano demonstra respeitar e viver em cuidadosamente com tudo que o envolve: Ele tem consciência e sensibilidade com a biodiversidade, pois Rosa expressa estes saberes, fazeres e sentires da personagem literária sobre os diversos Pantanaís. A poética emerge num contexto estético igualmente político, pois a literatura transborda a importância dos saberes nos cuidados de diversas espécies, humanos e não-humanos, além da importância das marcas da paisagem pantaneira.

Astract

Inscribed in a context of literary-environmental research, we would like to reflect on environmental education on the short story “Intermedium with the cowboy Mariano” (1969), by the Brazilian João Guimarães Rosa. In this tale it is possible to perceive several elements that make up the experience in Environmental Education, as the character Mariano, a cowboy who lives in the wetlands of Pantanal, demonstrates having local knowledge and therefore lives and knows deftly in this peculiar environment. The Pantanal is one of the Brazilian biomes of wetlands, currently heavily attacked with various socio-environmental violence. Literature seems like an education itinerary, allows for various reflections, and can contribute to experiences and cartographies in the context of environmental education. In this sense, the cowboy Mariano demonstrates respect and living carefully with everything that involves him: He is aware and sensitive to biodiversity, as Rosa expresses these knowledge, experiences, and feelings of the literary character about the various Pantanaís. Poetics emerges in an aesthetic context that is political, as literature overflows with the importance of knowledge in the care of different species, in addition to the importance of landmark of the Pantanal’s landscape.

Palavras-Chave

Educação ambiental. Literatura. Guimarães Rosa. Pantanal. Colapso climático.

Keywords

Environmental education. Literature. Guimarães Rosa. Pantanal Wetland. Climate collapse.

Palavras iniciais: a literatura

Não posso dispensar as palavras dos poetas, as narrativas dos romancistas. Elas me permitem dar forma aos sentimentos que experimento, ordena o fluxo de pequenos eventos que constituem minha vida (Todorov, 2014, p. 75).

Temos a poética em nossas veias, e delas pulsam os desejos de entrelaçar literatura e educação ambiental. Dividimos este texto em três atos: o primeiro sobre a relevância da literatura à formação humana; o segundo refere-se especificamente à novela “Entremeio com o vaqueiro Mariano” (ROSA, 1985), do escritor brasileiro João GUIMARÃES ROSA (1908-1967); e o terceiro ato finaliza um “remendar-se” de retalhos para tratar de alguns temas emergentes sobre a educação ambiental. Temos foco no colapso climático, no marco conceitual, praxiológico e político da pesquisa poético-bibliográfica realizada no âmbito do Grupo Pesquisador em Educação Ambiental, Comunicação e Arte (GPEA) da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT).

A poética lusófona tem importante contribuição à Rede Lusófona de Educação Ambiental (Redeluso), idealizada para valorizar a língua portuguesa na construção de identidades, que os processos colonizadores fizeram crer que seria um idioma sem importância e de uso

da minoria. Contudo, em resistência contra a hegemonia linguística e epistemológica anglo-saxônica, o português se espalhou para além dos 9 países¹, alcançando comunidades não independentes, como a Galícia e Macau, além de outros países com grandes focos migratórios.

Melhor ainda se conseguirmos transcender a visão estritamente humana e considerar os Direitos da Natureza, como apregoa GUDYNAS (2019), reivindicando a ética e as políticas biocêntricas. Para esta guinada filosófica, há que se considerar que o colapso climático é um fato mundial e que possivelmente a visão utilitarista do ambiente trouxe a degradação (muitas vezes irreversível) da natureza e da própria civilização.

Desde os tempos imemoriais, o ser humano recorre à arte de registrar sua passagem pelo mundo. Inicialmente deixou seus traços nas paredes de cavernas, cantou, dançou, narrou, construiu inúmeros artefatos e por fim escreveu. De alguma forma procurou – e segue nesse movimento – dar sentido aos espantos e alegrias de estar num ambiente e dele sofrer e receber tantos benefícios e impactos. Antonio CANDIDO (2004) defende que *“pensar em direitos humanos tem um pressuposto: reconhecer que aquilo que consideramos indispensável*

1 Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné Bissau, Guiné Equatorial, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor Leste.

para nós é também indispensável para o próximo” (p. 172). Não se trata, portanto, de algo reservado para alguns eleitos, ao contrário, por se tratar da experiência humana, a “literatura concebida no sentido amplo a que referimos parece corresponder a uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito” (p. 175). O mesmo autor conceitua a literatura como uma manifestação universal de todas as pessoas, em todos os tempos:

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações (CANDIDO, 2004, p. 174).

Tzvetan TODOROV (2014) defende que “a literatura pode muito” (p. 76) pois “amplia o nosso universo, incita-nos a imaginar outras maneiras de concebê-lo e organizá-lo” (p. 23). Mesmo na abordagem de temas sobre educação ambiental, ela pode nos sensibilizar ao narrar o cotidiano de um vaqueiro, como se verá logo a seguir. A percepção do ambiente que o rodeia pode nos provocar para cuidar melhor da natureza. O escritor ficciona, mas parte da realidade, quando narra o olhar deste vaqueiro para com os seres vivos que com ele convivem: animais domésticos e selvagens, as plantas, o regime das águas e das secas. Por meio do uso das palavras,

[...] do recurso às histórias, aos exemplos e aos casos singulares, a obra literária produz um tremor de sentidos, abala nosso aparelho de interpretação simbólica, desperta nossa capacidade de associação e provoca um movimento cujas ondas de choque prosseguem por muito tempo depois do contato inicial (Todorov, 2014, p. 78).

De posse desta rápida aproximação do poder da literatura, e em poucas palavras, queremos apresentar João Guimarães Rosa. Nascido em Cordisburgo, em 27/06/1908, no interior de Minas Gerais, primeiro dos seis filhos de um pequeno comerciante, desde a tenra idade demonstrou muito gosto por estudar e aprender línguas: aos seis anos já lia em francês, língua que aprendera com um frade franciscano. Em carta a uma prima, certa vez escreveu a respeito das línguas em que lia. Além do português, lia em:

[...] alemão, francês, inglês, espanhol, italiano, esperanto, um pouco de russo; leio sueco, holandês, latim e grego (mas com o dicionário agarrado); entendo alguns dialetos alemães; estudei a gramática do húngaro, do árabe, do sânscrito, do lituânio, do polonês, do tupi, do hebraico, do japonês, do tcheco, do finlandês, do dinamarquês; bisbilhotei um pouco a respeito de outras [...]?

2 Guimarães Rosa: resumo biográfico e bibliográfico. <https://www.ufrgs.br/psicoeduc/chasqueweb/literatura/guimaraes-rosa2.htm> 27/03/2021.

É este homem poliglota que, mais tarde, e usando dos muitos recursos dessas várias línguas, vai escrever sobre muitas vicissitudes dos sertanejos, literatura que, no fundo, evoca o que é universal nos seres humanos. Na sequência dos estudos, forma-se médico e cumpre a profissão no interior de Minas Gerais; mais tarde exerce a diplomacia, atividade que o leva a Bogotá, Hamburgo, Paris, México e Washington. Publicou seu primeiro livro *Sagarana*, em 1946; em 1956 publica o livro *Corpo de baile* e em maio *Grande sertão: veredas*; em 1962 publica *Primeiras estórias*. Em 1967 publica o livro *Tutameia*. Em 16 de novembro de 1967, toma posse na Academia Brasileira de Letras e falece, vítima de um enfarte, em 19 de novembro deste mesmo ano (COUTINHO, 1983).

No Brasil, sua obra como um todo é objeto de vários estudos em diferentes áreas que vão da literatura, à geografia, biologia, filosofia, linguagem, história, educação, entre muitas outras. Para o foco deste texto foi eleita a novela “Entremeio com o vaqueiro Mariano” publicada originalmente como reportagem em 25/11/1947, no *Jornal Correio da Manhã* e postumamente em 1969 no livro *Estas Estórias*.

Encontro com o Vaqueiro Mariano no bioma pantanal

Logo no primeiro parágrafo Guimarães Rosa nos apresenta o tempo, o espaço e a

personagem principal:

Em julho, na Nhecolândia, Pantanal de Mato Grosso, encontrei um vaqueiro que reunia em si, em qualidade e cor, quase tudo o que a literatura empresta esparso aos vaqueiros principais. [...] Apenas um profissional esportista: um técnico, amoroso de sua oficina. Mas denso, presente, almado, bom-condutor de sentimentos, crepitante de calor humano, governador de si mesmo; e inteligente. Essa pessoa, este homem, é o vaqueiro José Mariano da Silva, meu amigo (Rosa, 1985, p. 93).

Com essas palavras elogiosas é-nos apresentando o pantaneiro Mariano. Como vaqueiro e para bem exercer a sua lida cotidiana é preciso que ele conheça o ambiente onde está. Nesse sentido, toda caracterização que Guimarães Rosa faz de Mariano já nos informa que estamos diante de uma pessoa que detém os conhecimentos de seu ofício, pois além de técnico, apresenta-o almado e amoroso, inteligente também, ou seja, qualidades objetivas e subjetivas em dinamismo. Há momentos na narrativa, como se verá adiante, em que a transcrição é da palavra de Mariano e noutras é do escritor que se apresenta, também ele um homem do mundo, e simultaneamente, próximo das vivências do sertão.

Na região central do Brasil o mês de julho é caracterizado por temperaturas amenas e pela seca que vai se intensificar nos

meses seguintes. O Pantanal é uma das maiores áreas úmidas do mundo e um dos seis biomas brasileiros. Localiza-se no centro da América do Sul, mas engloba áreas do Brasil, Paraguai e Bolívia, sendo que a maior parte se encontra no Brasil nos estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. A Nhecolândia é uma das áreas do pantanal, conforme se pode ver nos mapas (Figuras 1 e 2).

Já dissemos que Mariano é um vaqueiro. A sua lida, no pantanal, o faz conhecer o gado e as peculiaridades do ambiente. Ele usa todos os sentidos para bem exercer seu ofício:

Como era um lugar visonho, assim meio sertão, sem gado, eu achei que por lá devia de ter passado uma rês e parado, por umas duas ou três horas. Senti, pelo cheiro. A gente sabe. O touro tem uma catinga quase como a do ramo de guiné; vaca e boi-de-carro têm catinga igual, só a do touro é mais forte (ROSA, 1985, p. 94. Grifo do autor).

Ele sabe por experiência, por conviver longo tempo com as reses, a diferença de cheiro de um touro para uma vaca e é até capaz de dizer há quantas horas o animal passou por um local. Esse tipo de conhecimento lembra o que Carlo GINZBURG (1989) chama de conhecimento indiciário, um saber que requer um refinamento dos sentidos: ele escuta, apura o olfato, observa pegadas, o amassado do capim e com esses elementos, por experiência,



Figura 1. Mato Grosso, Brasil, América do Sul
 Fonte: <http://carcara.org/mapa-mt-brasil-america-do-sul.html>



Figura 2. As diferentes áreas do pantanal
 Fonte: <https://altamontanha.com/o-pantanal-sul/>

consegue fazer inferências bastante precisas e úteis para o seu ofício. É um saber biorregional que tem muito valor.

Há uma passagem em que Mariano apresenta cada uma das vacas, suas singularidades. Nomeia e logo em seguida comenta as características quase humanas de umas e outras, como se fossem “individuais” mesmo:

De Curicaca, que é a preguiçosa, sempre se atrasando. De Pombinha, que finge de brava. De Boliviana, que escouceia ao ser peada. De Moeda, que tem berrinho baixo. De Careta, que é chifradeira. De Paraguanha e Piorra, que aprenderam a abrir as cancelas. [...] Já-foi-minha, pequenina; Dois-Bicos. Com duas tetas só, no úbere; Saudade, em mancha, cor de fígado; Silina, esguia; Biela, a branca; Coca, a zebu fumacenta, e mais todas, individuais, meio perdido o instinto grande de rebanho. Para Mariano, entendo, elas são outras que o gado da “solta”, são quase pessoas, meio criaturas, meio-cientes. (ROSA, 1985, p. 110-111. Grifos do autor).

Essa maneira de nomear, de conhecer as características das vacas, como quem lida com elas com muita familiaridade, faz da relação humano-animal uma relação atenta de dádiva e de dependência, de cuidados e respeitos mútuos. Se por um lado o humano cuida da alimentação ou de uma rês ferida, ou de um bezerro que perdeu a mãe no parto, amamentando-o

com uma mamadeira, por outro lado o animal corresponde com obediência às regras e com o seu corpo todo, na forma de leite, carne, couro e pelo. Nesse sentido, a sabedoria desse pantaneiro se aproxima de uma corrente filosófica, segundo SATO, SILVA e JABER: “No contexto da chamada fenomenologia, a percepção sobre o ambiente está na dependência histórica da pessoa, inscrito em sua vida, memória, valores ou fé. O sujeito só se percebe quando consegue enxergar o outro e respeitá-lo em sua cosmologia” (2017, p.25). Trata-se de compreender a natureza como personagem, perspectiva na qual Guimarães ROSA também inscreve sua literatura:

Considerar a natureza como um sujeito significa estabelecer outra relação sociocultural, que se fundamenta no reconhecimento de uma igualdade. E, principalmente, tecer novas formas de apropriação dos “recursos naturais”, onde a economia e a ecologia se alinham na procura de outros estilos de consumo e, especialmente, novos modos de vida. Abandonar as ideias de natureza como objeto, meio, cenário e espetáculo tem sido um processo lento de aprendizagem de relacionamento com o outro, seja ele da mesma espécie ou não (Meyer, 2008, p. 106).

Todo o conto “Entremeio com o vaqueiro Mariano” é narrado nessa perspectiva apontada por Mônica MEYER: a natureza, em Guimarães ROSA, é personagem própria da existência. Mariano toma conta dos

animais e se relaciona com esses seres de maneira respeitosa e até amorosa. Está integrado à natureza de que faz parte. Não é uma simples relação fria e mercantil. Ele reconhece que as vacas, por exemplo, são diferentes entre si, tal como as pessoas com quem nos relacionamos. Ao fim ele conclui, sobre as vacas: “Nenhuma se assemelha” (ROSA, 1985, p. 112). É uma sabedoria simples de reconhecimento, sem julgamento, das diversidades dos seres e que muito pode nos educar.

Mesmo na ordenha, podemos sentir a intimidade e a integração da poesia que exala das palavras do escritor ao comungar do mesmo amor e ofício do vaqueiro:

Ordenho suas tetas pomosas, entre meus dedos uvas longas. No ar frio, manhanil, ela cheira forte, a fêmea sadia, a aconchego. Volve-se, e pequenos sons lhe estalam do focinho, úmido, puro, de limpeza animal. Baba largo. As pálpebras pestanudas concluem-se, cobrindo espelhos escuros. Mas seu absorto ser devassa-me; sua presença pousa. E, sob o voo inerte das orelhas, a cabeça dá ar de um subido coração (ROSA, 1985, p. 112).

A palavra manhanil nos remete à cor azulada, anil, da manhã, nesse amanhecer sem nuvens em que a fêmea dá o seu leite ao homem. E assim, além do trabalho com o gado, o escritor nos brinda com descrições igualmente poéticas da maravilhosa fauna e flora pantaneira:

Sempre, enfeitando céu e várzea, o belo excesso de aves, como em nenhuma outra parte: se alinhavam as garças, em alvura consistindo; quero-queros subiam e desciam doce rampa curva; das moitas, socós levantavam as cabeças; anhumas avoavam, enfunadas, despetaladas; hieráticos tuiuíus pousavam sobre as pernas pretas; cruzavam-se anhingas, colheireiros, galinholas, biguás e baguaris, garças morenas; e passavam casais de arara azul –quase encostadas, cracassando– ou da arara-brava, verde, de voo muito dobrado (ROSA, 1985, p. 119-120).

Essa descrição, a enfileirar espécies de aves, dá uma pequena dimensão da diversidade da fauna alada pantaneira e traduz essa relação horizontal entre homem e natureza, conforme nos aponta Mônica MEYER:

O olhar rosiano não distingue a natureza enquanto sujeito ou enquanto objeto; os elementos se misturam numa comunhão religiosa – todos os seres vivos comungam o mesmo chão, ar e água do sertão (é uma intensa e borbulhante vida impregnada de beleza que conduz à descoberta do outro como um sujeito ao mesmo tempo igual e diferente) e se envolvem através de uma religiosidade traduzida pela irmandade com o universo, que possibilita encontrar os fios que tecem a mesma teia da vida (2008, p. 135).

Ler Guimarães ROSA é realmente entrar em contato com uma beleza estonteante, pois é um autor que “*conjuga sabor com*

saber” (MEYER, 2088, p. 135). São narrativas impregnadas de tudo que compõem a vida em toda sua diversidade quase como a dizer: olha, isso tudo é muita beleza e pede nossa proteção, nosso cuidado! Como pode o ser humano atear fogo num ambiente como o pantanal, cheio de tanta vida?

Também as águas se apresentam na voz do vaqueiro Mariano: *“Por aqui, alastra um aguão dismenso. A gente vê boi pastando só com a cabeça de fora... Já andei a cavalo, por aí tudo, o tempo todo eu espiando em espelho...”* (ROSA, 1985, p. 120).

Por muitas partes, aguavam lagoas: umas polidas, muito azuis – as baías – outras, as salinas, crespas, esverdeadas ou cinzentas. Por um momento, paramos diante de uma salina mais vasta, de um bizarro verde garapento, orlada de praia regular e batida de ondas, com grande espuma branca nas bordas. [Responde Mariano] – Isto é água purgativa, salobra... O senhor imagina, na seca elas viram uma cancha de areião, empedrada. Vira um beijuzinho de cheiro forte, de enxofre. Boi lambe. É uma fartura... (Rosa, 1985, p. 120-121)

Na beleza poética dos poucos recortes citados, são apresentadas características desse bioma pantaneiro que, se bem aproveitadas, em sala de aula ou fora da escola, pode gerar um trabalho de cunho investigativo: Por que a água se acumula em lagoas? Por que elas têm cores diferentes? Quais as diferenças entre baías e salinas? Por que numa época há

muita água no pantanal e noutra época do ano há seca? O que regula esse regime que alterna inundação e seca? Quais as alterações que percebemos nesse bioma nos últimos anos? Serão possíveis atividades econômicas cuidadosas e sustentáveis nesse bioma?

Conforme DALLA-NORA e SATO, *“para a proteção da água, não bastam engenharias ou leis que valorizem os “recursos hídricos”, mas que a conservação do ambiente está intrinsecamente conectada à cultura dos povos”* (2020, p. 164). Assim, considerar a cultura da pantaneira e do habitante pantaneiro pode ser o início de um estudo que nos conduza a valorizar os saberes biorregionais. Enfim, por intermédio de um texto literário podemos começar a descobrir as belezas e as ameaças que pairam sobre o pantanal, pois *“o ambiente não é um mero qualificador neutro ou temporariamente necessário à educação, mas o ambiente é um substantivo político que explicita as lutas construídas no campo ecologista”* (SATO, SILVA & JABER, 2017, p. 46).

Sem a pretensão de esgotar os exemplos pedagógicos, as mostras oferecem alguns caminhos que aliam a formação, a investigação e a vivência comunitária. Os diálogos entre a literatura e a educação ambiental é um caminhar fecundo e poético, que pode ser vivenciado e ressignificado ao lume de diversas áreas do saber, do fazer e do sentir - na escola e fora dela.

O pantanal e a crise climática: alguns apontamentos

Em 2019, o jornal britânico “The Guardian” (CARRINGTON, 2019) assumiu que o jornal não utilizaria o termo “MUDANÇA climática”, já que poderia dar margem a interpretação de que se trata de um fenômeno natural. Acatando esta orientação e para combater os discursos negacionistas, utilizamos o termo “COLAPSO climático”, denunciando o aumento da temperatura global, a elevação da emissão dos gases de efeito estufa (GEE), as chuvas torrenciais, os furacões hoje bem presentes no sul brasileiro, a desertificação em decorrência das secas, os terremotos e inclusive novas pandemias, cujos patógenos podem ser liberados pelos desmatamentos.

No contexto do Antropoceno, a origem do excesso dos gases estufa remontam

à época da revolução industrial, período demarcado por intensas industrializações, além da mecanização e uso exagerado de biocidas na agricultura. Obviamente o consumo do bem-estar energético foi aproveitado pela minoria rica, em contramão ao prejuízo da maioria pobre. Por isso, temos utilizado o termo “Capitaloceno” (MOORE, 2016) ao novo período geológico que dá o nome, o sobrenome, o endereço e as redes sociais dos maiores destruidores socioambientais. O relatório internacional da Oxfam (AHMED, 2022) avalia os malefícios da Covid-19 (Coronavirus Disease 19) e denuncia que os 10 “homens” (masculinos) mais ricos do planeta dobraram seus lucros, enquanto 99% da humanidade empobreceu, num processo dramático de uma morte humana a cada 4 segundos na Terra (Figura 3).

Além do genocídio, temos que pensar na globalidade da Terra, com a necessidade



Figura 3: A desigualdade mata. Fonte Ahmed, 2022 (Oxfam)

de defender vidas não-humanas, além das diferentes paisagens dos biomas, cada vez mais ameaçados, e no caso brasileiro, pelo agronegócio. Estamos transcendendo o genocídio, pois trata-se de uma destruição que ameaça todo o sistema de dimensões físicas, biológicas e tecnológicas (Latour, 2021): trata-se de um ecocídio cuja Terra não tem condições de autorregulação, pois apresenta visíveis processos de destruições irreversíveis, como o degelo, o aumento do nível do mar, ou da perda da biodiversidade.

Por isso, a educação ambiental é política, como afirma um dos princípios do Tratado de educação ambiental para sociedades sustentáveis e de responsabilidade global³. Ela não pode ser confinada ao âmbito escolarizado de educação básica ou superiora. A educação ambiental deve ir além do currículo formal da escola, inserindo-se dinamicamente no currículo da vida: nos partidos políticos; nas associações de bairros; nas igrejas ou santuários; nos fóruns comunitários; nos supermercados e até mesmo em bares ou padarias. É esta educação popular que colore o tecido de Paulo Freire (1972), com os ideários na pedagogia transformadora, política e significativa, capaz de reconhecer o opressor e, em comunhão política, libertar-se da opressão.

A luta política se faz necessária para dar visibilidade à crise que ameaça a vida. Essa é uma tarefa de todo ser vivo: perceber que proteger os biomas é preservar a vida como um todo. Como toda tarefa educativa, é política. Precisamos engajar-nos em torno dessa causa.

Guimarães Rosa educador

O que aprendemos ao ter contato com a obra de João Guimarães Rosa? Que o mundo é um vasto sertão e que ele se manifesta às pessoas conforme elas mesmas. Que para a geografia, a geologia, a filologia, a filosofia, a biologia, a botânica e para todas as demais ciências, a fauna e a flora importam. Que somos parte dessa imensa tapeçaria que é o ambiente onde estamos. Desde a terra que pisamos até a nossa ancestralidade tornam-se experiências - tudo vibra em nós. E é saber. Do tecido da Terra aos bordados realizados nos labirintos dos sertões, de fios soltos que se emaranham nos capins e de cordões que se enroscam nas pernas das vacas: uma tessitura poética de aprendizagem da vida!

Ali onde estamos nos fazemos cotidianamente à medida em que conhecemos as plantas que podem nos curar, embelezar, envenenar ou alimentar; os animais que nos aprazem, nos avisam de aproximações ou nos assustam; as flores que nos encantam com suas tantas pequeninas ou grandiosas formas e cores e perfumes; os sons e cores e

3 <https://remtea.blogspot.com/p/tratado-de-ea.html>

apresentações dos pássaros e outros seres que entoam suas músicas nas noites e dias do sertão; os rios e suas tantas margens, suas propriedades quase igualmente humanas: calmos, lípidos, profundos, escuros, caudalosos, estreitos ou largos, rasos, perigosos... As serras e montanhas e cavernas, as veredas, as areias, as estradas, as curvas e retas do caminho podem nos ensinar algo, quase sempre.

Há muito o que aprender enquanto se faz a travessia humana. Há a noite e há o dia, luzes e sombras que têm ensinamentos diferentes. Tem lugares que não acessamos de uma vez, mas por sucessivas investidas. Há festas e pessoas de diferentes atitudes e estaturas, e todas, de uma forma ou de outra, compõem esse ambiente. Há os cegos, os leprosos, os bandidos, os eremitas, os vaqueiros, os jagunços – o grande gado, nós todos –, as crianças, os velhos, as prostitutas, mulheres a dar à luz, os andarilhos, os prisioneiros, os loucos, as comerciantes, as religiosas, enfim, todos os poetas e suas infinitas tonalidades, num cortejo de possibilidades da Terra.

Ah! E existe o amor! Esse sentimento desconforme que nasce de um encontro e que às vezes leva muitos anos para amadurecer, e ainda assim, nem sempre consegue se manifestar totalmente, mas por camadas. Desvelamos alguns sentidos, outros permanecem ocultos até que a morte derruba o derradeiro véu para outras travessias. Como a poética Roseana, o amor é poroso e essa permeabilidade permite

ressignificações. Moldamo-nos ao cheiro de grama cortada, ou de chuva caída na rua, ou ainda ao odor de uma flor que atrai polinizadores de novos ciclos.

Então aprendemos algo. Aprendemos a prestar um pouco mais de atenção àquilo que nos cerca e nos visita, àquilo que se nos apresenta –diríamos que fenomenologicamente– enquanto as areias dos dias e das noites escorrem nessa ampulheta que é a nossa travessia.

A palavra. Cada palavra. Cada ser vivo. Cada ser existente. Cada nome, tudo conta. Conta no sentido de que emana significados e é uma narrativa. É certo que tudo isso não se revela de pronto, mas aos poucos, fruto de aberturas de nossos corações a outros mundos. Há tantos!

Quantos anos ela leva para uma árvore estar adulta? Ao escutar a aula do filósofo e músico Makely Ka⁴, aprendemos que o Buriti é uma palmeira que demora 500 anos para estar adulta. É uma longa duração que escapa à nossa passagem de seres humanos que temos uma longevidade bem menor. Quantas vicissitudes ficam guardadas nos anéis de uma palmeira ao longo dessa duração de cinco séculos a ponto dessa

4 O Grande sertão e suas veredas. Aula transmitida ao vivo em 20/06/2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=vK2xK1_cQAU&fbclid=IwAR0tqclA2GsjqYpDXTTnLRr6_ZDuxNyfeTyJuQDwMh5ZFDyCs-3TkFMPKAAw Acesso em 21/06/2020.

árvore ser dote para casamentos? Toda vez que escutamos alguém que leu ou estudou um pouco mais sobre João Guimarães Rosa abrimos um corisco de sabedoria que nos ilumina por muito tempo.

Há aspectos cabalísticos. Rosa verteu para seus livros a sabedoria que ele conseguiu acolher em sua vida. Uma biblioteca que continha os grandes livros de sabedoria a que teve acesso, filósofos e a literatura de variadas matrizes, além de uma vida de viagens que a diplomacia lhe facultou. O exercício da medicina por certo também lhe concedeu muitas percepções. A vida dos sertanejos, esses a quem ele chama de sábios, sabidos.

Continuar a ler e a ouvir aqueles que o estudam é sempre uma oportunidade para aprender. Não sei se caberá nesta vida tudo quanto ele nos entregou. Mas seguimos apaixonados e encantados pela leitura, pelo mergulho no amor ao conhecimento que ele nos proporciona em toda a sua obra.

Contornos finais

A literatura, vista como itinerário de formação, possibilita várias reflexões e pode contribuir para o trabalho de sensibilizar e despertar a responsabilidade com o ambiente. Nesse sentido, o vaqueiro Mariano demonstra respeitar e viver em cuidado com todo o ambiente que o

envolve: Ele tem consciência e sensibilidade sobre a fauna e flora, o que transparece nas narrativas que o autor faz do encontro do vaqueiro com diversas plantas que ele descreve de maneira poética, apresentando muitos animais, entre eles os bois, cavalos, vacas, aves típicas, cervos e felinos, entre outras espécies. A contribuição da literatura na aprendizagem ecológica é muito radiante, de trecho em trecho, ou do livro inteiro, a literatura ecológica contribui na potente aprendizagem para respeitar e conservar a Terra.

Aprender com ROSA é também uma construir uma pedagogia ecológica, no sentir daquela brisa de frescor, que tenta ser silenciosa, mas é audível no coração. Dá os ritmos pulsantes, bate na cadência de memórias dançantes que rodopiam com o vento. Um passo para lá, outro para cá, numa pulsação em balanço educativo que transcende o tempo e o espaço no toque de celeridade e lentidão - tudo depende do que uma palavra poética consegue alvoroçar - ou repousar. Por isso, finalizamos este texto com o convite poético de amar a Terra com a sensibilidade das próprias palavras de Rosa.

E por susto se desferiram diante de nós, do solo, para todas as direções, os quero-queros de um ajuntamento. A ocela em cada asa seria alvo para um atirador. Foram-se, como bruxas. Dois deles, porém, mantiveram-se no lugar, tesos, juntinhos, e gritavam, com empinada resistência. Paravam bem

no nosso caminho, os cavalos iriam pisá-los. Não se arredaram, no entanto: goravam e ralhavam com mais força, numa valentia, num desespero.

- Eles têm ninho com ovos, por aqui – me ensinou Mariano

Vi que eram belos, pela primeira vez, com cores acesas. Longe de recuar, ousadíssimos, arremeteram. E, para seu tamanho, cavalos e cavaleiros seriam seres desconformes, medonhas aparições.

- A casinha deles é no chão. Tem uns, que, p'ra gente bulir no ninho, só lutando. Vamos procurar.

A fúria do par era soberba. Andaram à roda, eriçados, e, de repente, um abriu contra Tapirrá [cavalo de Mariano] um voo direto, de batalha; eram bem dois pequeninos punhais, enristados nas asas, os esporões vermelhos. O outro, decerto a femeazinha, apoiava o ataque, vindo oblíqua, de revoo. Comovia a decisão deles, minúsculos, reis de sua coragem, donos do campo todo.

- Melhor a gente dar volta e deixar passarinho em paz. Não têm medo de nada! Às vezes, com esse rompante doido, eles costumam fazer uma boiada destorcer p'ra um lado e quebrar rumo...

- Melhor, sim, Mariano.

- É, sim senhor. O amor é assim.

(ROSA, 1985, p. 126-127)

CARRINGTON, Damian (2019). *Why the Guardian is putting global CO2 levels in the weather forecast*. London: Guardian News & Media Limited, 05/04/2019. <https://www.theguardian.com/environment/2019/apr/05/why-the-guardian-is-putting-global-co2-levels-in-the-weather-forecast>

COUTINHO, E. F. (Org.) (1983). *Guimarães Rosa. Fortuna crítica*. [Guimarães Rosa. Critical Fortune]. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

DALLA-NORA, G.; SATO, M. (2020) Brisas, ardências e sonhos de pescadores da Galícia –Espanha [Breezes, burning sensations and dreams of Galician fishermen – Spain]. *Ensino, Saúde e Ambiente*. Número Especial, p.163-179.

FREIRE, P. (1972) *Pedagogia do oprimido* [Pedagogy of the oppressed]. São Paulo: Vozes.

GINZBURG, C. (1989) *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história* [Myths, emblems and signs: morphology and history]. São Paulo: Companhia das Letras.

GUDYNAS, E. (2019) *Direitos da natureza-ética, biocentrismo e políticas ambientais* [Rights of Nature - ethic, biocentrism and environmental policies]. Tradução de Igora Ojeda. São Paulo: Elefante.

LATOUR, B. (2021). *After lockdown—a metamorphosis*. Medford: Polity Press.

MEYER, M. (2008) *Sert-Tão natureza: a natureza em Guimarães Rosa* [Countryside nature. The nature in Guimarães Rosa]. Belo Horizonte: Editora UFMG.

MOORE, J. (Ed.) (2016). *Anthropocene or Capitalocene? Nature, history, and the crisis of capitalism*. Oakland: PM Press.

ROSA, J. G. (1985) *Estas estórias* [These stories]. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

SATO, M.; SILVA, R.; JABER, M. (2017) *Educação Ambiental: tessituras de esperanças* [Environmental education and the process of hope]. Cuiabá: Ed. Sustentável, INAU, CPP. https://editorasustentavel.com.br/wpcontent/uploads/2018/05/EDUCACAO_AMBIENTAL_Tessituras-de-Esperancas_ebook.pdf

TAMAI, I.; GOMES, G.; WILLMS, E. (2021) *Processos formativos em Educação Ambiental com foco na crise climática: algumas vivências* [Formative processes in Environmental Education with a focus on the climate crisis: some experiences]. *Revista Ciência Geográfica*, v. XXIV, p. 1932-1948. https://www.agbbauru.org.br/publicacoes/revista/anoXXIV_4/agb_xxiv_4_web/agb_xxiv_4-19.pdf

TODOROV, T. (2014) *A literatura em perigo* [The literature in danger]. 5 ed. Rio de Janeiro: DIFEL.

Referências bibliográficas

AHMED, N. (Eds.) (2022) *Inequality kills. The unparalleled action needed to combat unprecedented inequality in the wake of COVID-19*. Oxford: Oxfam International.

CANDIDO, Antonio (2004). O direito à literatura [The right to literature]. In: CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 4 ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul; São Paulo: Duas Cidades, p. 169-191.